

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Jane Eyre

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Charlotte Brontë

Diagramação
Fernando Laino | Linea Editora

Tradução
Patrícia N. Rasmussen

Design de capa
Ciranda Cultural

Preparação
Walter Sagardoy

Imagens
Apostrophe/Shutterstock.com;
Flower design sketch gallery/Shutterstock.com;
Apostrophe/Shutterstock.com;
Yurchenko Yulia/Shutterstock.com;
Pavlo S/Shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Texto publicado integralmente no livro *Jane Eyre*, em 2021, na edição em brochura pelo selo Principis da Ciranda Cultural. (N.E.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B869j	Brontë, Charlotte
	Jane Eyre / Charlotte Brontë ; traduzido por Patricia N. Rasmussen. - Jandira : Principis, 2021. 576 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial - LUXO)
	Tradução de: Jane Eyre ISBN: 978-65-5552-440-6
	1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Rasmussen, Patricia N. II. Título. III. Série.
2021-1199	CDD 823 CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa: Romance 823
2. Literatura inglesa: Romance 821.111-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Prefácio

Como não havia necessidade de prefácio na primeira edição de *Jane Eyre*, não o escrevi. Esta segunda edição, porém, requer algumas palavras, não só de agradecimento como também certas observações.

Meus agradecimentos são para três setores.

Ao Público, pela indulgente atenção a uma história simples, sem grandes pretensões.

À Imprensa, pelo vasto campo que seu honesto sufrágio abriu para um aspirante obscuro.

Aos meus Editores, pela ajuda que seu tato, energia, senso prático e franca liberalidade proporcionaram a um Autor desconhecido e sem recomendações.

A Imprensa e o Público são vagas personificações para mim, e por isso lhes agradeço em termos vagos, mas meus Editores são mais definidos, assim como o são certos críticos generosos que me encorajaram como somente homens generosos e nobres sabem encorajar um desconhecido que batalha por um lugar ao sol. Para eles – Editores e seletos Revisores – digo cordialmente: Senhores, eu lhes agradeço do fundo do meu coração.

Charlotte Brontë

Tendo assim reconhecido o que devo àqueles que me ajudaram e aprovaram, dirijo-me a outra categoria, menor, até onde sei, mas que não deve ser omitida. Refiro-me àqueles poucos receosos ou queixosos que duvidam da tendência de livros como *Jane Eyre*, a cujos olhos tudo o que é incomum é errado, cujos ouvidos detectam em cada protesto contra a intolerância – essa origem do crime – um insulto à religião, essa regente de Deus na terra. Eu sugeriria a esses céticos algumas distinções óbvias, lembraria a eles certas verdades simples.

Convencionalismo não é moralidade. Justiça própria não é religião. Atacar uma não é ofender a outra. Arrancar a máscara do rosto do fariseu não é erguer a mão ímpia para a coroa de espinhos.

Essas coisas e esses feitos são diametralmente opostos, tão distintos quanto o vício da virtude. Muitas vezes os homens os confundem, e eles não devem ser confundidos: aparência não deve ser confundida com verdade; doutrinas humanas tacanhas, que tendem a exaltar e engrandecer apenas alguns poucos, não devem ser substitutas para o credo redentor de Cristo. Existe, repito, uma diferença, e é uma boa, e não má, ação estabelecer claramente uma linha de separação entre elas.

O mundo pode não gostar de ver essas ideias dissociadas, pois está acostumado a confundi-las, achando conveniente fazer a aparência passar por um valor autêntico, como se paredes caídas fossem garantia de um santuário puro. Talvez odeie aquele que ousa esmiuçar e expor, descascar a camada dourada externa e mostrar o metal básico por baixo, penetrar o sepulcro e revelar relíquias mortuárias. Por mais que odeie, no entanto, tem uma dívida para com quem revela essas verdades.

Ahab não gostava de Miqueias porque este nunca profetizou algo de bom para ele, apenas o mal. Provavelmente gostava mais do filho bajulador de Chenaana; e, no entanto, Ahab poderia ter escapado de uma morte sangrenta se tivesse tapado os ouvidos à lisonja e os aberto ao conselho fiel.

Existe um homem nos dias de hoje cujas palavras não são formuladas para agradar ouvidos delicados; que, ao meu ver, vem antes dos grandes da sociedade, assim como o filho de Inlá vinha antes dos reis de Judá e Israel,

Jane Eyre

e que diz a verdade tão profundamente, e com um poder tão profético e vital quanto destemido e ousado. O sátiro de *Feira das Vaidades* é admirado nas altas esferas? Não sei dizer, mas penso que, se alguns daqueles a quem ele lança o fogo grego de seu sarcasmo e a quem fulmina com o raio de sua denúncia dessem ouvidos às suas advertências, poderiam – eles próprios ou seus descendentes – escapar de uma fatal Ramote-Gileade.

Por que fiz alusão a este homem? Fiz alusão a ele, Leitor(a), porque penso ver nele um intelecto mais profundo e singular do que seus contemporâneos perceberam até agora; porque o considero o primeiro regenerador social da época, como o líder daquele grupo ativo que restaura a retidão de um sistema distorcido; porque penso que nenhum comentarista de seus escritos tenha ainda encontrado uma comparação adequada, ou os termos que caracterizem corretamente o seu talento. Dizem que ele é como Fielding: falam de sua espíritosidade, de seu humor, de sua capacidade cômica. Ele lembra Fielding como uma águia lembra um abutre: Fielding poderia se abater sobre a carniça, mas Thackeray, nunca. Sua espíritosidade é brilhante, seu senso de humor é atraente, mas ambos têm com seu gênio sério a mesma relação que o relâmpago radiante sob uma nuvem de verão tem com a centelha elétrica escondida em seu bojo. Por fim, fiz referência ao sr. Thackeray porque a ele – se aceitar o tributo de um total desconhecido – dedico esta segunda edição de *Jane Eyre*.

CURRER BELL

21 de dezembro de 1847.



Capítulo 1

Não havia possibilidade de sair para caminhar naquele dia. Na verdade, havíamos andado por cerca de uma hora na parte da manhã, em meio aos arbustos desfolhados; mas desde a hora do almoço (a sra. Reed, quando não tinha companhia, almoçava cedo) o vento frio de inverno havia trazido nuvens tão carregadas e uma chuva tão penetrante que sair de casa estava fora de questão.

De minha parte, achei bom; nunca fui muito animada para caminhadas longas, especialmente em tardes frias. Não gosto da volta, com o céu escurecendo, os dedos das mãos e dos pés congelados, o coração entristecido pelas reprimendas da babá Bessie e sentindo-me humilhada pela consciência de minha inferioridade física em comparação com Eliza, John e Georgiana Reed.

Estes três, Eliza, John e Georgiana, estavam agora agrupados ao redor da mãe na sala de estar: ela estava reclinada no sofá em frente à lareira e, com seus queridos ali perto (no momento sem brigar nem chorar), parecia perfeitamente feliz. A mim ela havia dispensado do grupo, dizendo:

– Ela se arrependeu da necessidade de me manter a distância, mas isso até escutar Bessie dizer... aliás, algo que poderia ter observado por

Charlotte Brontë

si mesma... que eu estava me esforçando de verdade para alcançar uma disposição mais sociável e juvenil, uma atitude mais alegre e simpática, mais leve, natural... Ela realmente deve me excluir de privilégios destinados somente para crianças pequenas, satisfeitas e felizes.

– O que Bessie disse que eu fiz? – perguntei.

– Jane, não gosto de interrogatórios nem de questionamentos. Além disso, uma criança não pode se dirigir aos mais velhos nesse tom. Sente-se em algum lugar e, até que consiga falar com modos, permaneça em silêncio.

Uma saleta de café da manhã ficava anexa à sala de estar, e eu me esgueirei para lá. Havia ali uma estante de livros, e logo me apossiei de um volume, depois de verificar que continha ilustrações. Subi no assento da janela e me sentei sobre as pernas cruzadas, como um otomano; puxei a cortina vermelha de morim, quase a fechando, e me recolhi a um duplo retiro.

As dobras de tecido vermelho toldavam minha visão à direita; à esquerda estavam as vidraças límpidas da janela, protegendo, porém não me separando, do dia cinzento de novembro. A curtos intervalos, enquanto virava as páginas do livro, eu observava o aspecto daquela tarde de inverno.

Ao longe, uma névoa esbranquiçada, e mais perto, um gramado molhado e arbustos castigados pelo temporal, com uma chuva incessante que caía implacavelmente ao som de uma longa e retumbante trovoadas.

Voltei ao meu livro, *História das aves britânicas*, de Bewick; a parte de texto pouco me importava, de modo geral, mas havia algumas páginas introdutórias que, criança como eu era, não podia deixar passar em branco. Eram aquelas que falavam dos lugares habitados pelas aves marinhas, dos “promontórios e rochas solitárias”, a costa da Noruega, Lindeness, ou Naze, até o Cabo do Norte:

– *Onde o Mar do Norte, em grandes redemoinhos,
Espuma ao redor das mais longínquas ilhas,
Áridas e melancólicas, e o vagalhão do Atlântico
Derrama-se entre as Hébridas tempestuosas.*

Jane Eyre

Também não pude deixar de notar a menção às praias desoladas da Lapônia, da Sibéria, de Spitzbergen, de Nova Zembla, da Islândia, da Groenlândia, com “a vasta extensão da Zona Ártica e aquelas regiões abandonadas, reservatórios de gelo e neve onde o acúmulo de invernos ao longo dos séculos se eleva a alturas alpinas congeladas, cercam o polo e concentram os rigores multiplicados do frio extremo”. Destes reinos de brancura sem fim, formei uma ideia própria: sombria, como todas as noções que povoam a cabeça das crianças, apenas parcialmente compreendidas, porém estranhamente impressionantes. As palavras naquelas páginas introdutórias se conectavam às vinhetas que vinham a seguir e davam um significado ao rochedo isolado em um mar de ondas e borrifos, à embarcação quebrada encalhada na costa deserta, à lua fria e sinistra que parecia olhar por entre as nuvens para o barco que naufragava.

Não sei descrever o sentimento que me despertavam o cemitério solitário ao lado da igreja, com suas lápides entalhadas, o portão, as duas árvores, o horizonte baixo circundado por um muro quebrado e a lua crescente recém-surgida, testemunhando o entardecer.

Os dois navios no mar calmo acreditei tratar-se de ilusões marinhas. O demônio segurando a mochila do ladrão atrás dele, eu me apressei a pular; era uma imagem aterrorizante. Assim como a figura negra de chifres sentada sobre uma pedra, observando com indiferença as pessoas ao longe agrupadas em torno de um cadafalso.

Cada ilustração contava uma história, muitas vezes misteriosa para minha compreensão ainda pouco desenvolvida e para meus sentimentos imperfeitos, porém profundamente interessante, tanto quanto as histórias que Bessie às vezes contava nas noites de inverno quando estava de bom humor e quando, tendo levado a tábua de passar roupa para a ala da casa onde ficavam os quartos das crianças, deixava-nos sentar perto dela, enquanto engomava os babados de renda da sra. Reed e passava as pregas da aba da touca de dormir, prendia nossa atenção com relatos de amor e aventura tirados de contos de fadas antigos e cantigas ou (como

Charlotte Brontë

bem mais tarde fui descobrir) das páginas de Pamela e Henry, conde de Moreland.

Com o livro de Bewick em meu joelho, eu estava feliz, pelo menos do meu jeito. Não tinha medo de nada, exceto de alguma interrupção, o que não demorou para acontecer.

A porta da saleta do café da manhã se abriu.

– Epa! Madame Reclamona! – exclamou a voz de John Reed. E então ele parou, ao ver o cômodo aparentemente vazio.

– Onde ela está?! – Chamou as irmãs: – Lizzy! Georgy! Jane não está aqui! Digam à mamãe que ela saiu na chuva... garota impertinente!

“Ainda bem que fechei a cortina”, pensei; e desejei ardentemente que ele não descobrisse meu esconderijo. E John Reed não teria descoberto, não sozinho. Não era muito ágil, nem de visão nem de imaginação. Mas Eliza enfiou a cabeça no vão da porta e disse imediatamente:

– Ela está no assento da janela, Jack, com certeza.

E eu saí na mesma hora, pois tremia só de pensar em ser arrastada dali pelo garoto a quem chamavam de Jack.

– O que você quer? – perguntei, com um estranho acanhamento.

– Diga “O que deseja, Master¹ Reed?” – foi a resposta. – Quero que venha aqui.

Ele se sentou em uma poltrona e fez um gesto me intimando a aproximar-me e ficar em pé diante dele.

John Reed era um jovem de 14 anos, quatro anos mais velho que eu, que estava com dez; grande e robusto para a idade, com a pele encardida e de aparência nada saudável, feições grosseiras em um rosto largo, membros pesados e extremidades grandes. Refestelava-se habitualmente à mesa, o que muitas vezes o fazia passar mal e o deixava com o olhar turvo e as bochechas flácidas. Deveria estar no colégio interno, mas a mãe o trouxera para casa por um ou dois meses “por causa da saúde delicada”. O professor,

¹ Tratamento normalmente usado por criados ao filho do patrão, quando criança ou adolescente. (N.T.)

Jane Eyre

sr. Miles, afirmava que ele estaria muito bem se não lhe enviassem tantos bolos e doces de casa, mas o coração de mãe não aceitou essa opinião tão severa e inclinou-se para a ideia mais refinada de que a palidez de John se devia ao excesso de estudo e, talvez, à saudade de casa.

John não nutria grande afeição pela mãe e pelas irmãs; por mim, então, nem mesmo simpatia, ao contrário. Fazia-se de valentão comigo, tiranizava-me e me punia, não duas nem três vezes por dia, mas continuamente. Eu tinha medo dele com cada nervo do meu corpo e me encolhia toda vez que ele chegava perto. Havia momentos em que eu me espantava com o terror que aquele garoto me inspirava, porque eu não tinha defesa contra suas ameaças e imposições. As criadas relutavam em contrariar o jovem patrão, tomando partido a meu favor, e a sra. Reed era cega e surda com relação a esse assunto; em nenhum momento viu o filho me atacar ou ouviu-o ser abusivo, embora ele fizesse isso tanto na frente dela quanto pelas costas... mais frequentemente pelas costas, verdade seja dita.

Habituada que estava a ser obediente a John, fui até a poltrona. Ele passou três minutos mostrando a língua para mim, esticando-a o máximo que podia para fora da boca. Eu sabia que logo viria o ataque e, apesar do medo que sentia do golpe, refleti sobre a aparência feia e asquerosa dele, que em breve teria de lidar com isso. Imagino se ele decifrou esse pensamento em meu semblante, pois, de repente, sem dizer nada, atacou com força. Cambaleei e, quando recuperei o equilíbrio, recuei, dando um ou dois passos para trás.

– Isso é pela sua imprudência em responder para minha mãe, como vem fazendo há algum tempo! – vociferou. – E por se esgueirar para trás das cortinas e ficar me olhando com essa cara, sua desgraçada!

Acostumada ao abuso de John Reed, eu nunca tinha pensado em responder. Minha preocupação era como suportar o golpe que certamente se seguiria ao insulto.

– O que estava fazendo atrás da cortina? – exigiu.

– Eu estava lendo.

Charlotte Brontë

– Mostre o livro.

Fui até a janela e peguei o livro.

– Você não tem nada que mexer nos nossos livros! Você é dependente de nós, minha mãe disse! Não tem dinheiro... Seu pai não lhe deixou nada, você teria de pedir, e não viver aqui com crianças educadas como nós, comendo a mesma comida que nós e usando roupas à custa de nossa mãe. Agora vou lhe ensinar a não fuçar nas minhas prateleiras de livros... porque elas *são* minhas, a casa inteira é minha, pelo menos será dentro de alguns anos. Vá ficar ali na porta, longe do espelho e das janelas.

Eu fiz o que ele ordenava, a princípio sem entender qual era a intenção. Mas, quando o vi levantar-se e segurar o livro no alto para tomar impulso e jogá-lo, instintivamente me afastei com um grito de alarme. Não a tempo, no entanto. O livro voou na minha direção, atingiu-me, e eu caí. Bati a cabeça na quina da porta, cortando-a. O corte sangrou, a dor foi aguda. O auge do terror havia passado, mas outros sentimentos se seguiram.

– Garoto mau e cruel! – falei. – Parece um assassino... parece um senhor de escravos! Parece um imperador romano!

Eu havia lido a *História de Roma*, de Goldsmith, e formado minha opinião sobre Nero, Calígula e outros. Também havia traçado paralelos em silêncio, os quais nunca imaginei que declararia em voz alta.

– O quê! O quê?! – ele gritou. – Ela disse isso para mim? Vocês escutaram, Eliza e Georgiana? Vou contar para mamãe! Mas antes...

Ele correu para cima de mim, e o senti segurar meu cabelo e meu ombro. Para ele era uma causa desesperada, e eu realmente vi nele um tirano, um assassino. Senti o sangue pingar da minha cabeça pelo pescoço e uma sensação dolorosa mais pungente, que por alguns momentos predominou sobre o medo. Enfrentei-o freneticamente. Não sei ao certo o que fiz com as mãos, mas ele me chamava de “desgraçada, desgraçada!” aos berros.

John tinha aliadas: Eliza e Georgiana haviam corrido para chamar a sra. Reed, que subira para o andar superior e agora se aproximava apressada, seguida por Bessie e por sua aia Abbot. John e eu fomos apartados, e escutei alguém dizer: